

O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA MELHORIA DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM: ESTUDO COM OS ESTUDANTES DO CBVZO-IFRR¹

Mariana da Silva Souza²
Vitor Lopes Resende³

RESUMO

Depois da pandemia de COVID-19, o uso dos aplicativos de mensagens instantâneas se tornou uma importante estratégia de comunicação nas instituições de ensino brasileiras. O WhatsApp, aplicativo de maior popularidade no Brasil e no mundo, vem sendo muito utilizado para a formação de grupos escolares. No Instituto Federal de Roraima, especificamente no *campus* Boa Vista Zona Oeste, esse recurso é utilizado para todas as turmas, apesar de não ser um canal institucional tido como oficial e sim, complementar. O grande uso com o público do *campus* gerou interesse em pesquisar como os estudantes percebem essa ferramenta, o que se demonstra nesse artigo como um meio eficaz na troca de informações escolares, mas que também inspira alguns cuidados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; aplicativos de mensagem; comunicação; WhatsApp.

INTRODUÇÃO

Aos dezessete dias de março do 2020 o Brasil acordava sabendo que o coronavírus (que posteriormente daria nome à doença conhecida como COVID-19) fazia sua primeira vítima fatal em seu solo. O que se viu a partir disso foi uma série de medidas sanitárias sendo tomadas no sentido de diminuir o contágio. Isolamento social, trabalho remoto, ensino remoto emergencial, foram algumas das palavras que entraram na ordem do dia do cotidiano brasileiro. Os dois anos que se seguiram foram especialmente complexos e desafiadores, ainda que a pandemia só tenha tido seu final decretado pela OMS em cinco de maio de 2023⁴. A chegada da vacina, em janeiro de 2021⁵, certamente foi o principal fator para o controle da doença que,

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Educação, do IX Congresso Nacional de Educação CONEDU. Trabalho contemplado no edital 16/2023 – Propespi/IFRR com concessão de ajuda de custo à publicação científica, tecnológica e cultural.

² Mestranda do Curso de Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Roraima - IFRR, professora de Contabilidade no *Campus* Boa Vista Zona Oeste do IFRR e-mail: mariana.souza@ifrr.edu.br

³ Doutorando em Comunicação no PPGCOM da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Professor de Publicidade no *Campus* Boa Vista Zona Oeste do IFRR, e-mail: vitor.resende@ifrr.edu.br

⁴ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente> Acesso em 12 de agosto de 2023.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/17/ha-um-ano-sp-vacinava-la-pessoa-contra-covid-no-brasil-veja-o-que-mudou-e-projecoes-para-o-futuro.ghtml> Acesso em 12 de agosto de 2023.

ainda assim, levou a óbito quase sete milhões de pessoas no mundo (com mais de 10% desse total, só no Brasil).⁶

Os prejuízos advindos especialmente desses dois anos mais intensos de contexto pandêmico foram de grande magnitude. Para a educação, tema que interessa a esse trabalho, os danos não só foram significativos como ainda impactam e assim continuarão por algum tempo na vida de estudantes, professores e trabalhadores da educação. Estima-se que o déficit de aprendizado tenha dobrado por conta da pandemia⁷, que pode ser explicado pelas poucas condições das escolas (sobretudo as públicas) em aplicar o ensino remoto emergencial.

A modalidade de ensino remoto que as escolas conseguiram adotar foi permeada por imprevistos e boa vontade, visto que faltava capacitação técnica, equipamentos computacionais adequados, conexão com a internet de qualidade, plataformas de ensino próprias, dentre outras questões fundamentais para uma boa oferta de ensino à distância. Como já apontamos em trabalho anterior:

De uma hora para a outra, portanto, uma legião de professores no Brasil e no mundo precisaram acelerar um processo que já vinha acontecendo, o de incorporação das TIC's (tecnologias da informação e da comunicação) nos processos pedagógicos. A capacitação técnico-pedagógica dos docentes, nesse sentido, sempre foi muito focada em aspectos administrativos e institucionais, deixando a desejar quanto ao próprio desenvolvimento profissional em sala de aula, como ressalta Jiménez (2007). Engen (2019) corrobora com essa visão ao dizer que em um período de tempo relativamente curto, o professor viu seu papel se transformar radical e dramaticamente. Com o conhecimento ganhando mais importância no desenvolvimento da sociedade e frente à maior competência digital por parte dos alunos e da sociedade, como um todo, as expectativas colocadas nas escolas e, sobretudo, nos próprios professores, aumentaram. (RESENDE, 2020, p. 36)

Mesmo com tantos problemas, esse período fez com que os educadores, como um todo, precisassem acelerar algumas transformações em sala de aula e nas escolas, como apontado acima. É partindo dessa visão que tentamos compreender, neste trabalho, como a comunicação entre escola e alunos (e/ou responsáveis) avançou nesse sentido. Para tanto, realizamos pesquisa quantitativa entre os dias 14 e 21 de agosto, por meio de formulário online, buscando compreender como os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do *Campus Boa Vista Zona Oeste (CBVZO)*, do Instituto Federal de Roraima (IFRR) utilizam o aplicativo WhatsApp para comunicação com a coordenação dos cursos, os professores e os colegas de turma. Antes de prosseguirmos, é importante compreender o papel da Rede Federal de Educação, bem como o Instituto Federal de Roraima e o *campus* em questão.

⁶ Disponível em: <https://www.trt.net.br/portuguese/covid19> Acesso em 12 de agosto de 2023.

⁷ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/09/19/deficit-na-alfabetizacao-dobrou-com-a-pandemia> Acesso em 12 de agosto de 2023.



REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO, O IFRR E O *CAMPUS* BOA VISTA ZONA OESTE

A rede federal foi instituída pela Lei n.º 11.892 de 29 de dezembro de 2008 e é composta por Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pelos Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca e de Minas Gerais, pelas Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e pelo Colégio Pedro II. Estas instituições, exceto as vinculadas às Universidades, possuem natureza jurídica de autarquia, portanto, com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar.

Os Institutos Federais foram criados mediante a transformação de Escolas Técnicas, Centros Federais de Educação e de Escolas Agrotécnicas e são instituições que contemplam ensino básico, profissional e superior. No texto de criação da lei, entre as finalidades dos Institutos Federais, encontra-se o trecho: “constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica” (BRASIL, 2008). Um dos objetivos dos Institutos Federais é: “estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional” (BRASIL, 2008).

A lei que criou a rede federal de institutos transformou o Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Com uma estrutura *multicampi* o IFRR é formado pelo *Campus* Boa Vista (CBV) e *Campus* Boa Vista Zona Oeste (CBVZO), ambos na capital do Estado de Roraima, *Campus* Novo Paraíso (CNP) no município de Caracarái, *Campus* Amajari (CAM) no município de mesmo nome, *Campus* Avançado Bonfim (CAB) no município de Bonfim e pela Reitoria, sua unidade administrativa instalada na capital, Boa Vista.

O CBVZO foi implantado em 2013 para atender à zona oeste da capital, sua sede própria só foi ocupada em 2018, antes disso os cursos eram ofertados em salas cedidas pelo CBV e pela Escola Estadual Elza Breves de Carvalho, mediante acordo com o Governo Estadual. O *Campus* possui cursos do eixo de Gestão e Negócios desde sua criação e, mais recentemente, a partir de 2021, oferta cursos do eixo de Produção Cultural e Design.

A estrutura, atualmente, conta com dois blocos divididos entre atividades de ensino e administrativas. Possui dez salas de aula, laboratórios de informática, física, química, biologia e matemática, um espaço *Maker*, biblioteca, estacionamento para servidores e estudantes,

quadra poliesportiva e quadra de areia para prática de voleibol. No ano de 2023 foi inaugurado também o refeitório da unidade (que não aparece, ainda, na figura 1, logo abaixo).



Figura 1 - Visão aérea do Campus Boa Vista Zona Oeste Fonte: Gildo Júnior - Assessoria de Comunicação e Marketing do IFRR/CBVZO

O *campus* fica localizado na zona oeste da capital (como podemos ver no mapa com os bairros de Boa Vista, na figura 2), em um conjunto de bairros considerados como periferia da cidade. Que pese a Zona Oeste da cidade de Boa Vista concentrar a maior quantidade de bairros em relação às demais regiões, não é assim que é percebida pela população em geral. Relacionam-se mais os bairros da Zona Oeste como aqueles que estão situados no que se entende ser o final da cidade, vistos no mapa como os bairros 35, 51 e 56 (Laura Moreira, Dr. Ayrton Rocha e João de Barro, respectivamente), por exemplo. Daí a identidade do *campus* não estar ligado à região oeste, como um todo, mas sim a esses bairros mais distantes do centro da cidade. Percebe-se que a zona oeste contempla 43 dos 60 bairros de Boa Vista, sendo a região maior em extensão e em população, além de ser a que mais cresce na cidade.

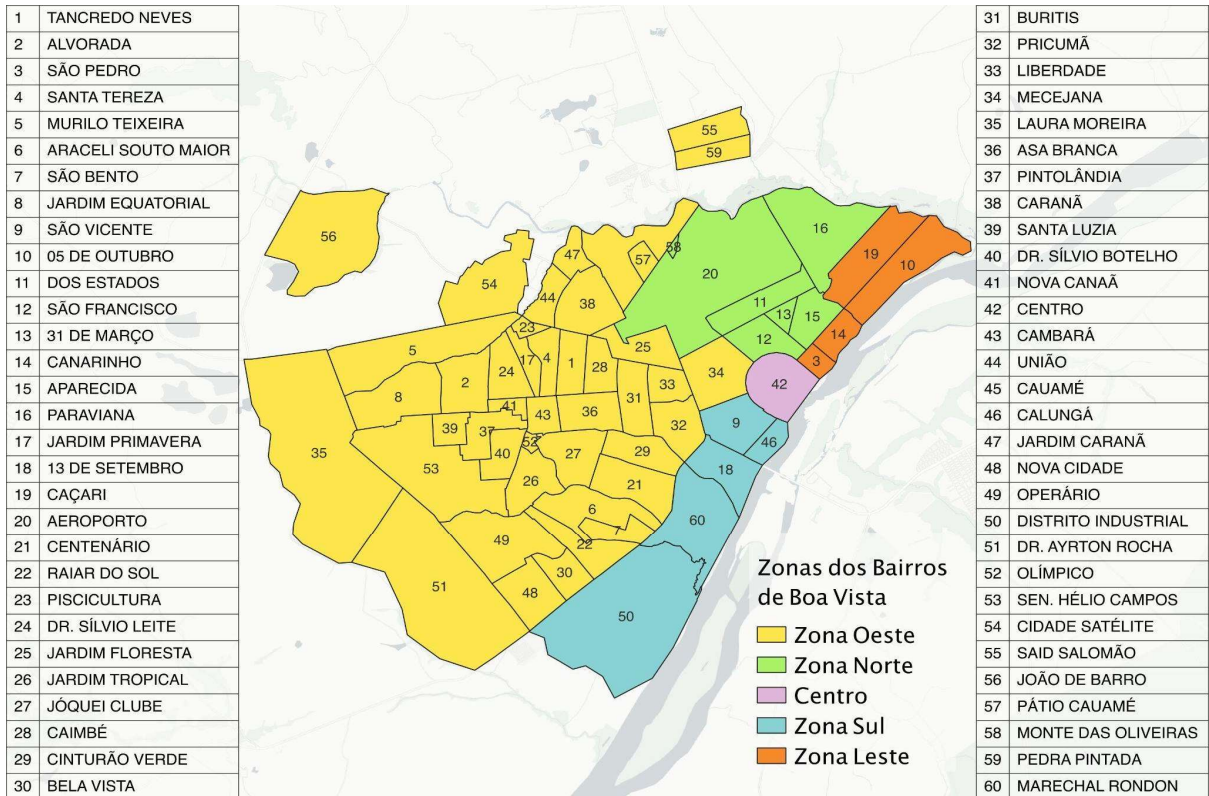


Figura 2 - Bairros e Zonas da Área Urbana de Boa Vista-RR Fonte: Arthur Citó - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)/Núcleo de Apoio à Pesquisa de Roraima

O CBVZO conta, atualmente, com dez turmas de ensino médio integrado, sendo uma turma do curso Técnico em Serviços Públicos, três do curso Técnico em Comércio e seis do curso Técnico em Administração. Além disso, estão em atividade duas turmas do curso Técnico subsequente em Administração, uma turma do Técnico subsequente em Publicidade, duas turmas do Proeja (Educação de Jovens e Adultos) e três turmas do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública. O *campus* oferta, ainda, cursos no formato de Educação a Distância de Graduação e Pós-graduação.

Por ser um *campus* de periferia, como afirmamos acima, o CBVZO tem um grande grupo de estudantes em situação de vulnerabilidade social. Tal fato intensificou a necessidade de políticas públicas assistenciais, como a distribuição de chips de celular com internet móvel durante a pandemia. Nesse sentido, a própria comunicação entre a escola e os estudantes, bem como entre os próprios alunos, é uma dimensão que precisa ser trabalhada com atenção e afinco. Muitos projetos de pesquisa e extensão trabalhados no *campus* buscam, nessa perspectiva, fomentar o ético e justo uso das redes sociais e aplicativos, por meio do incremento das competências midiáticas (FERRÉS, 2014), bem como a compreensão de uma literacia midiática, no sentido que é desenvolvido por Aguaded (2005), Borges (2014), Livingstone (2004), dentre outros, que ofereça aos alunos uma leitura crítica dos conteúdos de comunicação.

A ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO

A sociedade vem passando por momentos de grande transição. Essa cambiante configuração do mundo impacta de modo acelerado em várias dimensões como no clima, nos modelos econômicos e políticos, nas estruturas sociais e nas formas de comunicação, como salienta Abranches (2017, p.19-20):

O mundo vive conturbada e longa transição. Os modelos econômicos não conseguem mais prever com precisão o que vai acontecer na economia nos próximos meses. Setores que antes indicavam tendências para o conjunto da economia já não têm esse poder. A estrutura produtiva está em metamorfose. As categorias socioeconômicas e demográficas tradicionais, antes usadas para descrever as populações por idade, sexo e etnia, deixam de fazer o sentido que faziam antes. A sociologia já não consegue explicar os comportamentos sociais, a mudança vertiginosa dos papéis sociais. [...] As marcas desses tempos são a velocidade espantosa da mudança e a imprevisibilidade do futuro. Nesse intervalo entre duas eras, uma que se esgota e a outra que se insinua, as maneiras como aprendemos a lidar com os desafios da realidade não funcionam mais.

O entendimento do autor sobre nossos tempos é muito preciso quando observamos a comunicação e a educação, objetos desse trabalho. A pandemia de COVID-19 impôs às sociedades novas realidades em vários aspectos. Nesse sentido, com o isolamento forçado e as restrições de mobilidade, as relações humanas foram afetadas de modo significativo, intensificando o uso e os papéis das tecnologias da informação e comunicação nos processos sociais. A educação, provavelmente, foi uma das áreas mais impactadas por essa nova realidade, com as instituições de ensino sofrendo com limitações orçamentárias, de pessoal, técnicas e de equipamentos para uma exigência de ensino remoto. Nem mesmo o potencial democrático da internet, o avanço das tecnologias digitais e o maior acesso a elas pareceram resolver o problema que se criou a partir da pandemia de COVID-19.

A ideia de uma sociedade em rede (CASTELLS, 2000) está presente nas investigações acerca das redes sociais que encontramos nas Ciências Sociais. Muitas vezes, como aponta Barros (2019), há o entendimento de que a formação estrutural dessas redes permitiu uma comunicação distinta daquela que as mídias massivas possibilitaram. Ainda assim, não há equilíbrio na rede, uma vez que nem todos os indivíduos que dela participam conseguem produzir, difundir e consumir informação com graus parecidos de relevância e significação. Por isso, haverá embates de poder (ou permeados por ele) que ressaltarão as desigualdades, produzindo conflitos e tensões que, em grande parte das vezes, são representações das celeumas já presentes no interior da formação social.

A reprodução das desigualdades promovidas pelo capitalismo migra para as redes sociais e para o ambiente digital, sepultando, para pesquisadores como Levin (2002), a

revolução que se esperava a partir da chegada e popularização da internet. Segundo o autor, muito dessa frustração vem pelo fato de as pessoas não estarem interessadas em política, não por não possuírem acesso à informação. Wolton (2010, p.36) lembra que “o suporte não é o conteúdo” e que muito da crença de que a internet revolucionaria e democratizaria as comunicações vem da sedução que emana da mistura entre utopia e ideologia.

Fica difícil imaginar essa utopia da internet que democratiza e permite igual participação e acesso de todos quando nos lembramos que ela é, em quase sua totalidade, regida pelas leis de mercado da sociedade, inclusive atuando sobre o Estado e sobre os interesses públicos, coletivos. O que Slater (2002) e Bauman (2008) chamaram de sociedade de consumo (ou de consumidores) transforma tudo em mercadorias, desde os indivíduos e as doutrinas religiosas, até a educação, nada escapa a essa lógica que se explica pela racionalidade neoliberal.

Curioso é perceber que, ao mesmo tempo que a tecnologia é propagada como grande vetor dessa transformação, é alvo constante de controle e manejo por parte da economia política. Mazzucato (2014, p.64) constata que:

À medida que os economistas ficaram mais conscientes do papel crucial da tecnologia para o crescimento econômico, tornou-se necessário pensar mais seriamente sobre como incluir a tecnologia nos modelos econômicos. [...] Apesar de fornecer argumentação racional para os investimentos do governo, a nova teoria do crescimento não levou a ele explicitamente. Isso porque ideias novas foram tratadas como endógenas à empresa, não como parte da organização institucional necessária para a transformação de ideias em produtos.

Ou seja, de acordo com a autora, o mercado indica que a solução está no progresso tecnológico, mas faz isso meramente como uma ferramenta, como um vetor, esquecendo de incluir o acesso à tecnologia nas práticas cotidianas de quem mais carece de atenção, da grande massa de trabalhadores, desempregados, indigentes que, dia após dia, perdem direitos, capacidade de compra e de investimento, dignidade e perspectiva de futuro. Essa visão aparece em Belluzzo e Galípolo (2019, p.192):

Em seu progresso contraditório, a redistribuição espacial da manufatura, a hiperindustrialização e o ingurgitamento da riqueza financeira rentista engendraram a precarização do emprego, a queda dos rendimentos dos trabalhadores e, assim, reduziram a capacidade de difusão do gasto das empresas e desestimularam a demanda. Como foi dito acima, no último ciclo de euforia global, as famílias submetidas à lenta evolução dos rendimentos sustentaram a expansão do consumo na vertiginosa expansão do crédito, que cria poder de compra adicional para as famílias de baixa e média renda, ao mesmo tempo em que as aprisiona no ciclo infernal do endividamento crescente. No topo da pirâmide da distribuição da riqueza e da renda, os credores líquidos engordam seus portfólios com a valorização dos ativos imobiliários e financeiros.

É crucial, nesse sentido, compreender o capitalismo “como algo mais abrangente do que um sistema econômico” (FRASER e JAEGGI, 2020, p.185), visto que isso nos leva a pensar outros eixos de dominação que não o da classe, como presente em Marx (2011). Na sociedade

capitalista as bases estruturais dos eixos de dominação são mais amplas, compreendendo, por exemplo, as dominações de raça e etnia, gênero, cidadania, nacionalidade e, também, a tecnologia.

A globalização, que nos trouxe até aqui, acirrou a concorrência entre empresas, trabalhadores e nações, nos inserindo em uma tessitura financeira global que, em termos monetários, é hierarquizada e comandada pelo poder do dólar (ao menos por ora). (BELLUZZO E GALÍPOLO, 2019)

Para que o potencial democrático e revolucionário da internet, tal qual autores como Levy (1999), Jenkins (2009), Shirky (2011) e muitos outros tentaram enxergar se concretize, é preciso pensar em uma outra globalização, nos termos de Santos (2003). Crítico costumaz do processo de globalização, o autor afirma que “a competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala” (SANTOS, 2003, p.37).

Assim sendo, analisar o impacto das tecnologias da informação e comunicação na educação se mostra fundamental e é o que esse trabalho propõe por meio de uma análise da utilização do aplicativo de mensagens WhatsApp no *Campus* Boa Vista Zona Oeste do Instituto Federal de Roraima.

O USO DO WHATSAPP COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO ENTRE ESCOLA, ESTUDANTES E PAIS NO CBVZO/IFRR

Entre os dias 14 e 21 de agosto de 2023, aplicamos questionário quantitativo sem identificação para compreender como os estudantes de todos os cursos do ensino médio integrado do *campus* Boa Vista Zona Oeste, do Instituto Federal de Roraima, enxergam os usos das tecnologias digitais no ambiente escolar. As perguntas pretendiam compreender como os estudantes percebem tais tecnologias voltadas para dois eixos: a comunicação com a escola e com os próprios colegas de turma, bem como seus usos como estratégias didático-pedagógicas. Foram coletadas 164 respostas, o que corresponde a cerca de 50% dos pouco mais de 300 estudantes do ensino médio da unidade. Foram feitas 4 perguntas gerais, sendo que a última delas gerava outras 5 a partir da resposta positiva, no caso, para os alunos que afirmavam utilizar o WhatsApp. Para aqueles que marcavam a opção “não”, a pesquisa era encerrada ali.

A grande maioria dos respondentes (acima de 95%) possuem celular próprio, acessam à internet diariamente, utilizam o aplicativo WhatsApp e estão em grupos da escola, essas

informações já nos dizem que este é um canal com grande potencial a ser explorado pela escola na comunicação com estudantes.

Sobre a forma de acesso à internet, 90,2% possuem internet em casa, com fibra óptica ou rádio, apenas 26,8% utilizam pacote de dados da operadora, 14,6% acessam por meio de estabelecimentos comerciais e 46,3% acessam à rede Wi-Fi da escola. Como um grande número possui internet em casa, esse fato nos leva a acreditar que os grupos de WhatsApp podem ser utilizados pela escola para comunicação com estudantes quando eles estiverem em casa. Entretanto, preocupa que menos de 3 a cada 10 estudantes tenham acesso à internet móvel, o que diminui bastante o alcance das comunicações do *Campus* com os alunos.

Outro dado importante é que menos da metade acessa à rede da escola, é necessário que se verifique o motivo, já que a rede está disponível para todos os estudantes, sendo um meio de pesquisa e comunicação. A qualidade da rede, que costuma apresentar falhas, bem como a dificuldade em acessar pelo sistema próprio da Instituição podem ser alguns indicativos que explicam esse número.

Apenas 2 respondentes disseram não usar o WhatsApp, um dado que aponta para a alta penetração desse aplicativo na vida dos estudantes, todos eles entre 15 e 18 anos de idade. Mais de 80% das 162 pessoas que seguiram para essa fase da pesquisa utilizam os grupos de WhatsApp como a principal fonte de informação sobre a escola, o que nos permite afirmar que este meio está sendo eficaz como forma de comunicação com os alunos.

Para que a comunicação seja efetiva, é importante saber qual formato é preferível pelos estudantes. É nesse intuito que a pergunta sete foi pensada, buscando investigar que tipo de linguagem (texto escrito, áudio ou vídeo) interessa mais aos estudantes para se informar nos grupos da escola. As mensagens de texto podem ser lidas sem que arquivos precisem ser baixados e sem emissão de som, sendo, portanto, uma forma mais discreta de comunicação. Há, porém, pessoas que compreendem melhor a informação com auxílio visual ou auditivo, o que torna essa questão importante. A maioria dos estudantes, 66,5%, prefere as mensagens de texto e esse dado se relaciona com um dos pontos negativos apontados pelos estudantes sobre a utilização de grupos do WhatsApp, na questão de número oito. Para 28,7% dos estudantes o envio de arquivos muito pesados para baixar, arquivos que acabam ocupando espaço no armazenamento do aparelho, configuram-se como um ponto negativo. As mensagens de texto podem minimizar este problema já que ocupam pouco espaço de armazenamento.

Sobre a linguagem preferida, há de se ressaltar um fator relevante. Embora a pesquisa tenha sido feita com os estudantes, muitos pais e responsáveis estão presentes nos grupos dos cursos para serem informados das rotinas escolares. Dentre esses pais, muitos possuem baixa

capacidade de leitura ou não sabem ler, bem como existem os que possuem alguma deficiência visual. O novo recurso de áudio-vídeo, lançado pelo aplicativo no mês de julho de 2023, que ocupa pouco espaço de armazenamento, pode ser uma boa alternativa para uma comunicação complementar ao texto. Além disso, tal atitude não exige grande esforço por parte da Instituição, repetindo em áudio ou vídeo curto o que foi enviado em texto. Ao entregar a mesma mensagem com linguagens variadas, mais pessoas podem ser alcançadas e tal inclusão é, por óbvio, bem-vinda.

As duas últimas perguntas não eram obrigatórias e perguntavam sobre pontos positivos e negativos a respeito do uso do WhatsApp como ferramenta de comunicação na escola. Para essas questões foi utilizado o recurso “caixas de seleção” que admite mais de uma resposta, justamente pelo fato de que os fatores podem ser combinados. Quanto aos dados positivos, só uma pessoa das 156 habilitadas para responder, não o fez. Podemos enxergar um panorama na imagem abaixo:

Quais pontos positivos você vê nos grupos de Whatsapp da escola? (Você pode marcar mais de uma opção)

161 respostas

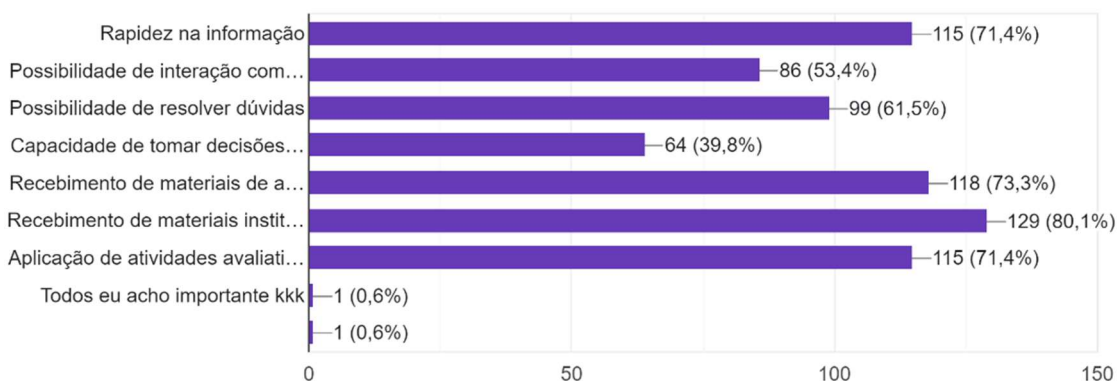


Gráfico 1 – Pergunta 8 Fonte: Autoria própria

Os pontos apontados como positivos para a utilização de grupos de WhatsApp, por ordem de maior número de respostas, foram o recebimento de materiais institucionais (horário, editais, etc.), o recebimento de materiais de aula, a rapidez na informação e a aplicação de atividades avaliativas por meio de links ou formulários, a possibilidade de resolver dúvidas, a possibilidade de interação com os professores e colegas, a capacidade de tomar decisões em conjunto com a turma (por votação ou enquete). Uma resposta disse considerar todas as questões importantes.

Podemos perceber que os pontos positivos mais mencionados dizem respeito à facilidade de obter materiais, institucionais ou específicos das matérias, o que demonstra que o canal estudado é interessante para promover o acesso dos estudantes ao conhecimento e às informações mais relevantes dentro do IFRR. Destaca-se também a sinalização positiva para os elementos de interatividade como atividades avaliativas baseadas na internet, enquetes e votações online.

Já em relação aos pontos negativos, 143 pessoas das 162 habilitadas responderam, o que indica que 19 pessoas não souberam destacar ou não enxergaram pontos negativos no uso dos grupos de WhatsApp para comunicação das atividades escolares.

Quais pontos negativos você vê nos grupos de Whatsapp da escola? (Você pode marcar mais de uma opção)

143 respostas

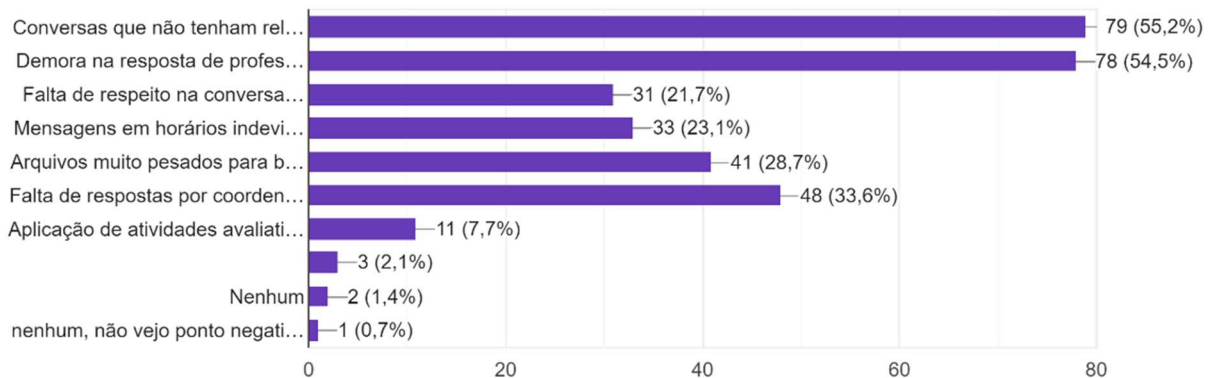


Gráfico 2 – Pergunta 9 Fonte: Autoria própria

Com relação aos pontos negativos, por ordem de relevância foram apontadas as conversas que não tenham relação com a escola (excesso de mensagens), a demora na resposta de professores e coordenadores, a falta de respostas por coordenadores e professores, os arquivos muito pesados para baixar, as mensagens em horários indevidos (fora do horário escolar), a falta de respeito na conversa entre colegas, a aplicação de atividades avaliativas por meio de *links* ou formulários. Três respostas afirmaram, ainda, não verem pontos negativos.

Dessa questão podemos extrair reflexões importantes, sobretudo que dizem respeito ao comportamento de professores e coordenadores. A existência de um grupo com finalidade de troca de mensagens sobre a escola cria, no estudante, a expectativa de que todos os professores e coordenadores ali estejam, prontos a responderem dúvidas e enviarem materiais e informações. Entretanto, é importante pontuar que o Instituto Federal de Roraima não utiliza o

WhatsApp como um canal oficial de troca de mensagens. Desse modo, o aplicativo é uma estratégia pedagógica complementar e, por isso, de adesão voluntária por parte dos servidores. Ainda assim, acende um alerta o fato de que há uma grande parte dos respondentes que consideram a demora ou a falta de respostas de coordenadores e professores um ponto negativo expressivo.

Outra situação para a qual essa última questão alerta é para o comportamento dos próprios estudantes. O ponto negativo mais mencionado diz respeito a isso, com as conversas sobre temas alheios aos escolares. Além disso, a falta de respeito no trato com os colegas também foi uma resposta bastante acionada. Muito disso pode estar relacionado ao fato de que os estudantes acabam transportando um comportamento do mundo físico para o mundo digital, utilizando de brincadeiras, gírias, palavras de baixo calão e tom mais ríspido e inadequado. Em uma relação física, de contato, essas coisas podem ser percebidas de modo diferente do que no texto escrito, que não carrega a expressão da voz, do gesto e, muitas vezes, do tom utilizado. À escola, nesse sentido, compete pensar em atividades que possam melhorar a maneira dos estudantes se expressarem, trabalhando as competências midiáticas (FERRÉS, 2014) e incrementando a literacia midiática dos seus estudantes (AGUADED, 2005; BORGES, 2014; LIVINGSTONE, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos essa uma pesquisa de natureza exploratória, embora tenha sido aplicada em quase metade do público compreendido como alvo. Isto porque o questionário de natureza quantitativa nos forneceu muitos dados que, à luz de metodologias de análises mais robustas como a análise de conteúdo, poderiam depurar melhor os dados. Entretanto, esse movimento pode ser feito posteriormente, tendo esse artigo cumprido seu objetivo, o de revelar alguns dados importantes sobre o uso do WhatsApp como ferramenta e canal de comunicação no ambiente escolar.

Ao aplicar o questionário em alunos do ensino médio, compreendendo quase que em sua totalidade jovens entre 15 e 18 anos de idade, apontamos para um comportamento muito próprio dessa geração, o de utilização das tecnologias digitais para questões importantes de suas vidas, como as que envolvem o ambiente escolar.

Ressalta-se a relevância de aplicar essa pesquisa no extremo norte do Brasil, na cidade de Boa Vista, estado de Roraima, sobretudo em um *campus* do Instituto Federal de Roraima que se localiza na periferia da capital. Os dados recolhidos revelam algumas fragilidades do

propalado progresso tecnológico, advindo da ideia de que o capitalismo (sobretudo em sua atual fase, neoliberal) promove um avanço econômico para toda a sociedade. Sabemos, como demonstram alguns autores aqui citados (BELLUZZO e GALÍPOLO, 2019; FRASER e JAEGGI, 2020; MAZZUCATO, 2014; SANTOS, 2003), que essa falácia não se sustenta e uma pesquisa como essa, ao demonstrar que mais de 70% dos estudantes de uma capital brasileira não possuem internet móvel em seus *smartphones*, comprova um pouco dessa afirmação.

Quanto ao objeto de pesquisa desse artigo, é possível afirmar que o WhatsApp é uma ferramenta com grande potencial de servir à comunicação institucional em uma escola, ainda que no caso do IFRR, não seja um canal oficial para tal atividade. Essa afirmação pode ser percebida nas duas questões de respostas múltiplas (8 e 9), em que os estudantes assinalaram para os pontos positivos em 728 oportunidades contra 324 respostas negativas, no total.

A análise empreendida, não obstante demonstrar que há uma percepção otimista em relação à ferramenta estudada, também aponta para pontos críticos que precisam ser pensados por parte das instituições de ensino, em geral. As questões que parecem mais emergentes, nesse sentido, dizem respeito à alfabetização dos estudantes para o uso das mídias e à capacitação dos educadores para padronizar os modos de atendimento ao estudantes, não deixando que a falta ou demora de respostas por parte de professores e coordenadores chegue a ser um ponto negativo para os alunos.

REFERÊNCIAS

AGUADED, José Ignacio. Estrategias de edu-comunicación en la sociedad audiovisual. *Comunicar*, 24; 25-34, 2005.

ABRANCHES, Sérgio. **A era do imprevisto**: a grande transição do século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARROS, Ana Cirne Paes de. **Consumo Colaborativo**: uma análise crítica dos processos e economias do consumo em rede. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 253. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. **A escassez na abundância capitalista**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

BORGES, Gabriela. **Qualidade na TV pública portuguesa**: análise dos programas do canal 2. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.

BRASIL. **Lei n.º 11.892 de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em: 18 jun. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** In: *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

FERRÉS, Joan. **Las pantallas y el cérebro emocional.** Barcelona: Gedisa editorial, 2014.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate.** Uma conversa teórica crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

LEVIN, Yuval. **Politics after the Internet.** National Affairs. 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIVINGSTONE, Sonia. Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies. **The Communication Review**, 7:1, 3-14. 2004

MARX, Karl. **O capital.** Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAZZUCATO, Mariana. **O estado empreendedor.** Desmascarando o mito do setor público vs. setor privado. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

RESENDE, Vitor Lopes. Professores ou influenciadores digitais? Refletindo sobre o uso das mídias digitais como complemento do ensino durante a pandemia de Covid-19. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade, [S. l.]**, v. 7, n. 1, p. 024–041, 2020. DOI: 10.30681/rccs.v7i1.5085. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/5085>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade.** São Paulo: Nobel, 2002.

SHIRKY, Clay. **Cultura da participação.** Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2010.